



A audiodescrição como mediação para estudar o papel da luz no teatro visual de Robert Wilson

Audio description as a means of studying the role of light in Robert Wilson's visual theater

La audiodescripción como medio de estudio del papel de la luz en el teatro visual de Robert Wilson

Laura Maria de Figueiredo
Lívia Maria Villela de Mello Motta
Jefferson Fernandes Alves

Laura Maria de Figueiredo

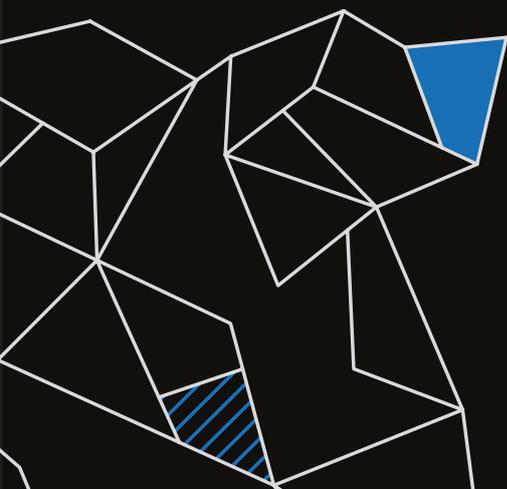
Professora do Departamento de Artes, no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ministra aulas de Iluminação Cênica, Tecnologias da Cena, Práticas Pedagógicas do Teatro. Pesquisa Audiodescrição e Acessibilidade à linguagem da luz no Teatro para pessoas com deficiência visual

Lívia Maria Villela de Mello Motta

Audiodescritora e formadora de audiodescritores desde 2004, com mestrado e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Fez parte de seu doutorado na Universidade de Birmingham, Reino Unido. Coordena a *Ver com Palavras* que presta serviços de audiodescrição para diversos tipos de espetáculos, eventos, produtos, audiovisuais e editoriais.

Jefferson Fernandes Alves

Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo do Centro de Educação/UFRN. Ministra estágio supervisionado na Licenciatura em Teatro e Arte/Educação em Pedagogia. É membro dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Especial e Artes Cênicas (PPGED/UFRN) e Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGArC/UFRN). Pesquisa na área de Artes Cênicas e Acessibilidade, em especial, Teatro e Audiodescrição.



Resumo

Este artigo aborda uma proposta para a audiodescrição de quatro fotografias retiradas da obra *Shakespeare 's sonnets*, dirigida por Robert Wilson e encenada com o *Berliner Ensemble*, em 2009, considerando a presença da iluminação cênica nessas imagens. Esses textos descritivos foram elaborados para a fruição de pessoas com deficiência visual, ao mesmo tempo que buscam favorecer a compreensão da poética da iluminação cênica nessa peça. Tais imagens audiodescritas fazem parte do material didático de uma aula de iluminação cênica destinada a pessoas cegas ou com baixa visão. Para isso, articulamos os parâmetros de Livia Motta para audiodescrição em sala de aula, com as ideias de Adolphe Appia sobre a atuação da luz no teatro moderno. As conclusões apontam para aspectos da composição visual dessa encenação, revelada pela linguagem verbal do texto audiodescritivo, de forma a ampliar tal mediação para plateias com e sem deficiência visual.

Palavras-chave: Audiodescrição para teatro, Iluminação Cênica, Robert Wilson.

Abstract

This study proposes an audio description of four photographs taken from the work *Shakespeare's Sonnets*, directed by Robert Wilson and performed with the *Berliner Ensemble* in 2009, considering the presence of stage lighting in these images. These descriptive texts were created for the enjoyment of people with visual impairments and aim to promote the understanding of the poetics of stage lighting in this play. Such audio-described images are part of the teaching material of a stage lighting class aimed at blind people or people with low vision. To do this, we articulate parameters for audio description in the classroom by Livia Motta, with the ideas of Adolphe Appia on the role of light in modern theater. The conclusions point to aspects of the visual composition of this staging, shown by the verbal language of the audio-descriptive text, to expand such mediation to audiences with and without visual impairment.

Keywords: Audio description for theater; Stage lighting, Robert Wilson.

Resumen

Este artículo presenta una propuesta de audiodescripción de cuatro fotografías tomadas de la obra *Shakespeare's Sonnets*, dirigida por Robert Wilson y puesta en escena con *Berliner Ensemble* en 2009 considerando la presencia de la iluminación escénica en dichas imágenes. Estos textos descriptivos están dirigidos a las personas con discapacidad visual, al mismo tiempo que buscan facilitar la comprensión de la poética de iluminación escénica en esta obra. Este tipo de imágenes descriptas en audio forman parte del material didáctico de una clase de iluminación escénica dirigida a personas ciegas o con baja visión. Para ello, se articulan los parámetros de Livia Motta para la audiodescripción en el aula con las ideas de Adolphe Appia sobre el papel de la luz en el teatro moderno. Las conclusiones apuntan a aspectos de la composición visual de esta puesta en escena, revelada por el lenguaje verbal del texto audiodescriptivo con el fin de ampliar dicha mediación a públicos con y sin discapacidad visual.

Palabras clave: Audiodescripción teatral, Iluminación escénica, Robert Wilson.

Introdução

A linguagem da encenação teatral moderna tem na iluminação cênica um recurso fundamental para a comunicação dramática, narrativa e simbólica das obras teatrais. O manejo da luz cênica como poética e estética transformou-se num recurso fundamental para a estruturação de encenações teatrais de todos os gêneros e estilos (Camargo, 2012). Cada tipo de encenação mobiliza de alguma forma esse componente, mesmo quando nenhum equipamento profissional é acionado. Diversos tipos de espaços são especialmente preparados para a presença dessa tecnologia poética, geradora de estética de encenação (Roubine, 1982). A iluminação cênica é a linguagem no teatro, que determina a escritura (*scripture*) do visível e do não visível no palco (Simões, 2013).

A imensa produção teatral do multiartista estadunidense Robert Wilson, desde os anos 1970, é apoiada em um tipo de manejo da iluminação cênica como instrumento de concretização de enunciados visuais nas suas encenações e, conseqüentemente, nas fotografias do seu denominado “Teatro de

visões”, tal como caracterizado por Stefan Brecht (1924-2009), em seu livro de 1985, *The theatre of visions*. Esse autor é filho do dramaturgo, diretor e pensador do teatro Bertolt Brecht (1898-1956) e da atriz e diretora teatral Simone Weigel (1900-1971), que estiveram entre as/os fundadores da companhia de teatro alemã *Berliner Ensemble*, em 1949. A estreia de *Shakespeare’s Sonnets* em Berlim, em 2009, marcou o ano da morte de Stefan Brecht e os 60 anos da companhia de teatro fundada por seus pais.

Nesse sentido, a poética e a estética da iluminação cênica encontradas no teatro visual de Wilson proporcionam exemplos para o exercício de uma audiodescrição, possibilitadora da fruição dessa linguagem do teatro, tanto para as pessoas com deficiência visual como para o público em geral. Neste artigo apresentamos quatro textos para audiodescrever quatro fotografias dessa encenação de Wilson, realizada em parceria com o *Berliner Ensemble*. Esse material faz parte de uma proposta de fruição dessas imagens por pessoas com deficiência visual, no contexto de um curso sobre a linguagem da luz na encenação moderna voltado para aspectos da audiodescrição e acessibilidade ao teatro.

A audiodescrição (AD) é uma tecnologia assistiva desenvolvida para a acessibilidade comunicacional, visando ampliar o entendimento das pessoas com deficiência visual aos elementos das imagens que permeiam todos os tipos de eventos realizados em contextos culturais, escolares, esportivos, acadêmicos e outros. A AD realiza um tipo de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, possibilitando múltiplos contextos de acessibilidade a experiências significativas com as imagens, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar das pessoas com deficiência visual (Fryer, 2016; Neves, 2011; Snyder, 2014). Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição também pode mediar a fruição dessas imagens por pessoas com deficiência intelectual, com déficit de atenção, dislexia e outros transtornos que permeiam as condições cognitivas neurodivergentes (Motta, 2016).

A audiodescrição para teatro tem um de seus marcos históricos no trabalho pioneiro nos EUA, em 1981, com a audiodescrição da peça *Major Bárbara*, de Bernard Shaw, exibida no *Arena Stage Theater*, em Washington, DC. Foi realizada por Margaret e Cody Pfanstiehl, pessoas sem deficiência visual, com a colaboração de Margaret Rockwell, que tem deficiência visual.

O projeto continuou nesse teatro, para tornar suas produções mais acessíveis (Franco; Silva, 2010). Podemos observar nessas origens históricas da audiodescrição nos EUA a presença da pessoa com deficiência visual nos processos de elaboração dos textos e roteiros. A audiodescrição traz formalidade técnica para algo que era feito anteriormente, graças à sensibilidade e boa vontade de pessoas que atendiam à curiosidade de pessoas com deficiência visual, para tirar dúvidas durante um filme ou peça de teatro e outros tipos de espetáculos.

A audiodescrição no Brasil é regulamentada pelo documento ABNT NBR 16452, de 2016, que é resultado de intenso trabalho em comissões e comitês formados por pioneiras(os) profissionais dessa área, reunidas(os) para sua estruturação legal. A norma recomenda que o roteiro receba avaliação e validação da fruição por uma pessoa cega ou uma pessoa com baixa visão, denominada audiodescritor/a consultor/a. Vale ressaltar que tais normativas seguem a ética social e a política do *Nada sobre nós sem nós*. (Sasaki, 2007), traduzido do vigoroso *Nothing about us without us*, originário dos movimentos civis *antiapartheid* na África do Sul.

Este artigo apresenta algumas articulações práticas das características da audiodescrição para teatro como mediadora da fruição dos elementos visuais dos espetáculos, agenciando seus procedimentos com uma intencionalidade pedagógica para o ensino de iluminação cênica, voltada à fruição da pessoa com deficiência visual. As imagens audiodescritas fazem parte do material didático das aulas do curso de extensão *As luzes e as palavras 2: Uma lupa na audiodescrição do Teatro Épico*, que acontecerá no segundo semestre de 2024. O curso, realizado on-line, tem duração de 30 horas e é destinado para audiodescritoras/es de teatro ou outras pessoas com e sem deficiência visual interessadas nos dois temas interligados: audiodescrição e poética da luz no teatro. Ele será uma segunda edição de outro curso de extensão: *As luzes e as palavras: uma imersão na audiodescrição da iluminação teatral*, realizado em 2022, dentro de um projeto de pesquisa do mesmo nome.

O roteiro inicial foi realizado pela autora deste artigo e coordenadora do curso de extensão, com a colaboração do audiodescritor cego Kim Arouca e da audiodescritora Lamoniara Mendes, servidora na Secretaria de Inclusão e Acessibilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

As quatro fotografias são apresentadas acompanhadas do relato do processo de elaboração dos textos e aspectos das escolhas realizadas pela equipe de audiodescritores.

Trazemos inicialmente uma breve contextualização histórica das origens e das características do teatro visual de Robert Wilson. Em seguida, os textos descritivos das imagens extraídas do espetáculo são abordados como enunciados organizados em composições verbais, que buscam traduzir as morfologias dos elementos visuais do palco, observados como composições organizadas pela encenação e que têm na luz um suporte primordial.

Em conclusão, trazemos reflexões em torno da potência mediadora da audiodescrição quando operacionalizada com um viés didático, para o ensino da iluminação cênica como linguagem da encenação teatral para plateias com e sem deficiência visual.

Mediação e acessibilidade ao teatro pelos procedimentos da audiodescrição

Uma primeira visada sobre a audiodescrição teatral deve partir da compreensão de que seus procedimentos configuram um movimento que vai do *Theatron* ao *Auditorium*, no qual, tal como os espaços acusticamente preparados para a fruição da música, a audiodescrição propõe aos ouvidos de sua plateia um modo de desfrutar a visualidade das cenas. O desafio dos criadores de textos de audiodescrição está na temperança e no equilíbrio das escolhas semânticas que consignam a tradução fiel do que é contemplado por quem enxerga e traduzido para o roteiro, com a parceria da/do fruidor dessas palavras e frases, que é a pessoa com deficiência visual com formação em audiodescrição (Motta; Romeu Filho, 2010).

O processo de elaboração de uma audiodescrição para obras ou eventos artísticos precisa considerar, no seu esforço enunciativo, as singularidades estéticas da linguagem artística em questão. Este texto torna-se uma criação verbal orientada a partir da organização formal da obra, cujos enunciados devem, simultaneamente, transmitir os elementos para a compreensão dos conteúdos evidenciados por ela. Assim, o **que** a obra enuncia está intrincado ao **como** é enunciado, e a audiodescrição precisa construir essa similaridade enunciativa (Alves, 2016).

Letícia Schwartz (2019) aborda o evento teatral para qualquer tipo de plateia como uma pluralidade de estímulos sensoriais, responsáveis por despertar conceitos, associações, sensações e memórias. A autora destaca as similaridades existentes entre o roteiro de AD e a iluminação no teatro. Pensando nas multitarefas envolvidas nos serviços de acessibilidade aos espetáculos, a autora evoca a imagem do feixe prismático da luz, para definir a diversidade de estímulos sensoriais inerentes à fruição do espetáculo teatral ao vivo. Portanto, nessa profusão de elementos, como selecionar o que precisa ser audiodescrito? Pois o que se busca é ampliar a experiência estética das pessoas com deficiência visual.

A audiodescrição de um espetáculo teatral pode ser comparada à iluminação. Trata-se de deitar luz sobre as imagens, de maneira a permitir que se desenhem no espaço. De brincar com nuances e criar sombras, chapar e dar profundidade, esconder e desvendar. A imagem se revela sob os jogos de luz. E na voz do audiodescritor. (Schwartz, 2019, p. 33)

A autora trabalha a partir dos procedimentos de audiodescrição para teatro desenvolvido por Andrew Holland (2009), que enfatiza a necessidade de que a/o espectador(a) com deficiência visual vá além do entendimento e da compreensão da obra, e possa “viver” a mesma, numa proposta integrativa entre a AD e a obra, em contrário a uma visão “à distância” (Holland, 2009 *apud* Schwartz, 2019, p. 44).

Nesse sentido, ampliar o entendimento dos enunciados visuais construídos pela ação dos desenhos da luz no teatro faz parte do rol das linguagens poéticas de uma encenação, a serem traduzidas pelos enunciados verbais do texto de audiodescrição. A linguagem da iluminação cênica pode ser observada por meio das interações que ela desenvolve com os arranjos espaciais no palco, de tal sorte que podemos observá-la como uma composição visual que funciona como conjuntos semióticos que se realizam no tempo da apresentação.

Poética da luz e composição visual

A visão pedagógica em torno da iluminação cênica neste estudo é ancorada no enfoque da poética da luz no espetáculo dramático

musical, desenvolvida por Adolphe Appia (1862-1928), no texto *Música e Representação*, de 1899. Esse autor propõe uma poética para luz no teatro, tornando-a um elemento que atua no espaço-tempo do palco teatral, e que se movimenta como em uma partitura da ópera (Appia, 2022).

Adolphe Appia (2022) considera que o espaço cênico da encenação deve ser regulado por um princípio, uma partitura rítmica e sequencial que organize o tempo no espaço. O cenógrafo e iluminador suíço defende que

É preciso um princípio regulador da encenação a fim de lhe proporcionar a categoria de meio de expressão na obra do dramaturgo. *A encenação, como toda combinação no espaço com variações no tempo, pode reduzir-se a uma questão de proporção e de sequência. Seu princípio regulador deverá, portanto, ditar as proporções no espaço e a sua sequência no tempo, umas dependentes das outras.* (Appia, 2022, p. 136)

Para o autor, o espaço cênico pode ser regulado como uma partitura rítmica e sequencial que organize o tempo no espaço. Appia vê as possibilidades que a iluminação tem no teatro como reguladora da visibilidade plástica e pictórica da composição visual, que se torna flexível pela ação dos jogos de luzes e atmosferas ou cores, que modelam os corpos e outros elementos visuais em cenas, temporalmente organizadas sequencialmente durante o espaço e tempo da encenação. Em simultâneo, a luz também pode dinamizar movimentos e ritmos dentro de um espetáculo (Appia, 2022). Essa perspectiva de leitura do palco, da cena e do papel da luz na encenação moderna é perfeitamente exemplificada nesse espetáculo de Robert Wilson, produzido com o *Berliner Ensemble*, em 2009.

Seguindo essas perspectivas, e trabalhando no contexto didático visado para este processo de audiodescrição, optamos, num primeiro momento, por descrever quatro fotografias. Tais imagens estáticas do espetáculo *Sonetos de Shakespeare* possibilitam uma análise aprofundada dos arranjos espaciais com luz, que podemos extrair dessa encenação. Ao mesmo tempo, a fotografia registra um instante do espetáculo, de tal forma que condensa a expressividade da composição visual quando traduzida por uma composição verbal.

Dessa maneira, busca-se explorar nas fotografias selecionadas algumas formas exemplares para conduzir o aprendizado em torno destas poéticas do teatro moderno: narrativa épica, teatro visual e iluminação cênica, maquiagem e figurinos numa atuação alegorizada, entre outras. Tais inferências são oportunizadas pela mediação que os procedimentos da audiodescrição proporcionam como método de trabalho. Nesta aula com o tema do Teatro Épico, após a introdução com as imagens estáticas, abordaremos o vídeo em que tais cenas estão em movimento. Dessa maneira, podemos conduzir a apreciação das imagens em dois momentos distintos de observação.

Contextualizando o teatro visual de Robert Wilson

No Brasil, Luiz Roberto Galizia (1986) pesquisou os processos criativos de Wilson que envolveram desde *Happenings* e *Performances* no profícuo contexto dessas artes no ambiente nova iorquino dos anos 1960, concomitante à sua experiência como professor de artes para surdos, autistas e outros jovens e crianças com deficiências sensoriais e cognitivas na fundação Byrd Hoffman em Nova York, até chegar às produções de grandes espetáculos teatrais a partir dos anos 1970.

Lucas de Almeida Pinheiro (2020) faz um levantamento dos dados biográficos de Robert Wilson, relacionando-os ao desenvolvimento da poética particular desse artista, influenciada pelos deslocamentos perceptivos característicos dos modos de apreensão da realidade de pessoas com particularidades sensoriais e cognitivas neurodivergentes, denominadas universalmente como pessoas com “deficiência”. Wilson tratou o convívio com Christopher Knowles, diagnosticado dentro do Transtorno do Espectro do Autismo, e com Raymond Andrews, nascido surdo, como uma parceria criativa em si e não apenas como uma atividade terapêutica. Ou seja, o professor de artes, Robert Wilson, colocou em relevo, no processo de trabalho com os jovens, o aspecto das eficiências intelectuais e sensoriais deles.

Nesse sentido, os modos de ser, estar e perceber o mundo presentes nas manifestações criativas desses jovens nas oficinas de artes conduzidas

por Wilson na juventude enraizaram neste diretor um olhar peculiar sobre as formalizações de espaço e tempo de fruição da experiência com o espetáculo teatral. Tais perspectivas sensoriais e perceptuais influíram para que Wilson orientasse suas produções no campo do teatro, por caminhos únicos e instigantes como expressão cênica. No palco wilsoniano, o tempo ficcional dilata-se de maneira semelhante à câmera lenta do cinema, e o espaço cênico é ocupado por planos e signos que atuam como um quadro vivo tridimensional, nos quais se sucedem imagens em movimentos, com surpreendentes invenções associativas de ideias visuais.

Robert Wilson, Bob, nascido em 1941, em Waco-Texas, foi uma criança disléxica e introvertida, que sofreu com o desconforto social de sua condição e a gagueira até a adolescência, quando encontrou apoio terapêutico e liberador das tensões que o impediam de falar, por meio das aulas de dança ministradas por Byrd Hoffman. Após a formação em arquitetura, em Nova York, viveu um período em Viena, onde estudou teatro e entrou em contato com a encenação de óperas na tradição do *gestamtkunstwerk* do alemão Richard Wagner (1813-1883). *Gesamtkunstwerk*, em português *Obra de arte total*, preconizava a fusão de todas as artes: música, teatro, literatura, arquitetura, pintura, escultura, dança dentro da caixa cênica para a realização do espetáculo operístico, cuja partitura musical também rege todas as outras linguagens.

Em Viena, Wilson também entrou em contato com encenações no estilo do austríaco Max Reinhardt (1873-1943), que introduziu o *rundhorizont*, conhecido no Brasil como **ciclorama**, que é um dispositivo cenográfico similar a uma tela de cinema, colocada ao fundo do palco e preparada para receber projeções de luzes e/ou imagens. Tais encenações comportam a grandiosidade dos grandes teatros da tradição operística com milhares de lugares na plateia, camarotes e balcões, para que o público assista a um espetáculo, apresentado dentro de uma ampla caixa cênica, instalada atrás da cortina. Na frente desta, vemos o proscênio e o fosso da orquestra, que abriga as/os musicistas e a/o regente. A presença daquele que encena está concentrada no comando da equipe de artistas cênicos, que operam, nesse tipo de espetáculo, um diversificado aparato tecnológico para produção de efeitos visuais sofisticados, por meio de cenários e luzes.

Pinheiro (2020) diferencia o teatro de Wilson da tradição do *gesamtkunstwerk*, pois

O encenador estadunidense não está interessado somente em uma fusão das artes, mas em uma justaposição dos diferentes modos de expressão artística, buscando manter a individualidade de cada um dos códigos que compõem a cena. Em outras palavras, há nas obras wilsonianas um hibridismo múltiplo de linguagens artísticas que, mesmo tomando caminhos narrativos e significativos 'diferentes', dialogam entre si durante a encenação. (Pinheiro, 2020, p. 78-81)

Este é o modelo de produção do musical em parceria com o *Berliner Ensemble*, dirigido por Wilson a partir de 23 sonetos de William Shakespeare. *Shakespeare's Sonnets*, em português *Sonetos de Shakespeare*, estreou em Berlim, em 12 de abril de 2009, e faz parte do repertório do *Berliner Ensemble* desde então. Na poética teatral de Wilson, preponderavam as imagens rigorosamente trabalhadas como formas que se movimentam dentro de um quadro vivo, na caixa cênica do palco de ópera; e que se justapõem em modos provocativos aos enunciados verbais.

Para observar alguns traços característicos dessa linguagem visual com a luz na criação do espaço cênico, trazemos quatro fotografias do espetáculo e as respectivas traduções para um texto, que será ouvido por pessoas com deficiência visual. As imagens escolhidas para o exercício dos modos de leitura e de descrição da iluminação cênica, a partir das formas expressivas peculiares do teatro de Robert Wilson, nos possibilitam o exercício de um vocabulário pertinente para descrição da luz e seu papel na composição visual da cena.

Audiodescrição de imagens e composições visuais

Livia Motta (2016) explora procedimentos da audiodescrição como instrumento de leitura de mundo, a partir das múltiplas interlocuções possíveis com os conhecimentos envolvidos nas atividades na sala de aula. A autora explica que a audiodescrição envolvendo estudantes com e sem deficiência visual

[...] poderá ser um instrumento de mediação e muito poderá colaborar para que os outros alunos façam inferências, deduções, e cheguem a conclusões, possibilitando uma participação mais completa nas múltiplas atividades escolares. A audiodescrição instaura um contexto de realização de diversas leituras das imagens, que desentranham associações por meio dos [...] significados atribuídos aos símbolos e códigos sociais culturalmente construídos. (Motta, 2016, p. 23)

Nesse sentido, percebemos como a audiodescrição pode operacionalizar ações envolvendo os estudantes com e sem deficiência visual, ao proporcionar um diálogo educacional a partir do escopo das ideias sobre letramento de Paulo Freire (1989, p.9), cuja proposição “a leitura de mundo precede a leitura das palavras”, também reverbera de modo efetivo no âmbito do ensino de Artes. Portanto, buscamos construir essas pontes pedagógicas oportunizadas pelos procedimentos metodológicos da audiodescrição, acoplados ao ensino de poéticas da iluminação no teatro.

A respeito da audiodescrição de fotografia no contexto educacional, a autora propõe procedimentos a partir de uma sequência de observação para a descrição de fotografias:

1. o objeto fotografado (o que/quem);
- 2) de onde foi fotografado (a que distância, de que ângulo;
- 3) como foi feito o enquadramento da câmera (recorte do objeto, pessoa ou cena);
- 4) espaço e o tempo a que se refere (onde e quando);
- 5) composição: iluminação e os planos (primeiro plano e plano de fundo).

(Motta, 2016, p. 67).

Portanto, nas descrições que apresentamos a seguir, procuramos demonstrar a distribuição espacial dos elementos de cenários, figurinos, luzes, os quais são minuciosamente estruturados como enunciados visuais no teatro de Wilson. Articulamos a descrição das formas de corpos, objetos, planos, volumes e cores com palavras que sintetizem aspectos alegóricos ou simbólicos que se façam necessários para a melhor compreensão das imagens. As alegorias e/ou os símbolos presentes no teatro imagético de Robert Wilson são amplamente encontradas no musical *Sonetos de Shakespeare*, bem como em toda a tradição renascentista e barroca do teatro de William Shakespeare (1564-1616).

As fotografias foram retiradas do website de Robert Wilson, acompanhadas da audiodescrição da imagem, visando os aspectos da acessibilidade e fruição por parte de pessoas com deficiência visual e considerando a tradução do conjunto composicional das cenas retratadas, destacando o manejo estético dos elementos poéticos da luz.

Figura 1 – Fotografia 1 do espetáculo *Sonetos de Shakespeare* para audiodescrição¹



Autora: Lesley Leslie-Spinks

Audiodescrição: Fotografia de cena do espetáculo musical *Sonetos de Shakespeare*, produzido pelo *Berliner Ensemble*, em 2009, com direção de Robert Wilson e músicas de Rufus Wainwright. No ciclorama no fundo do palco, coberto por luz azul acinzentada com brilho suave, silhuetas pretas de cinco figuras humanas se movimentam e dançam na frente dele. Três delas usam calças bufantes. Da esquerda para direita, a primeira salta; a segunda está com os braços erguidos; a terceira, mais alta e esguia, está na ponta dos pés; a quarta, com gorro de bufão, está parada, com as pernas ligeiramente afastadas; a quinta, no canto direito, está de perfil e tem asas de penas nas costas. Segura um arco à frente de sua

¹ Disponível em: <http://www.robertwilson.com/shakespeares-sonnets>. Acesso em: 18 jul. 2024.

volumosa barriga. No chão, faixas brancas luminosas, longas e estreitas. Fim da audiodescrição.

Em relação à audiodescrição da **Figura 1**, e pensando nos aspectos composicionais, optamos por iniciar descrevendo o enquadramento da fotografia a partir do fundo, com destaque para o ciclorama tingido de azul e iluminando por trás as figuras que se movem pelo palco. Tal tipo de registro imagético é uma marca dos projetos de luz de Robert Wilson há décadas. O efeito de luz em azul/cinza no telão cria a profundidade necessária, para projetar em destaque as figuras dispostas em silhuetas no plano da frente. Decidimos nomear o telão do fundo do palco pelo seu nome técnico, que é **ciclorama**, oportunizando o aprendizado do vocabulário técnico deste dispositivo cênico, inventado por Max Reinhardt, para receber efeitos de luzes coloridas projetadas sobre ele.

Descrevemos as linhas principais das morfologias corporais das figuras em silhuetas, ao mesmo tempo que buscamos transmitir as disposições delas no espaço da cena; umas em relação às outras, mais próximas ou mais distantes, ou também em relação ao plano de fundo. Dessa forma, procuramos assinalar como a luz ajuda a criar o efeito de profundidade para a visualização de todas as figuras/silhuetas em preto, as quais estão projetadas como se deslocassem para frente no espaço da imagem. Os códigos verbais procuram transmitir o ícone/símbolo do bufão, diretamente pela referência ao gorro de guizos; e o ícone/alegoria do cupido, pela descrição dos aspectos de sua morfologia que vão desenhando aos poucos a revelação da figura mitológica do 'flechador' de corações. Seria mais simples descrever a figura pelo vocábulo único: cupido. Porém, tal solução implica em aludir a um cupido genérico, geralmente similar a um anjinho branco, pequeno, sentado numa nuvem igualmente branca. Para não cair nesse lugar comum da figura do cupido, descrevemos sucintamente a silhueta dessa figura do quadro vivo do palco e registrada na fotografia.

Por fim, registramos a faixa de luz no chão, situada entre a linha que separa o palco do fosso da orquestra, demonstrando a moldura do quadro distanciado do palco; ao mesmo tempo que lança uma pequena claridade para o fosso da orquestra. Ao vivo, esse elemento visual possibilita um efeito

que ajuda a sublinhar a silhueta das/dos músicos em ação nessa região do campo visual da caixa cênica do palco.

Figura 2 – Fotografia 2 do espetáculo *Sonetos de Shakespeare* para audiodescrição²



Autora: Lesley Leslie-Spinks

Audiodescrição: Fotografia de cena do espetáculo musical *Sonetos de Shakespeare*, produzido pelo *Berliner Ensemble*, em 2009, com direção de Robert Wilson e músicas de Rufus Wainwright. Ao centro, uma luz fraca e levemente azul incide sobre o rosto e o busto de uma mulher de vestido longo de alças, levemente escurecido. Revela a face maquiada de branco e a mão esquerda espalmada para o alto. A mão direita está cerrada ao lado da cintura. O figurino fica obscurecido. Atrás, um cenário sobre rodas com a carcaça de um carro amassado e retorcido, atravessado por um tronco de árvore ressequido. Ao fundo, uma luz vermelho-fogo cobre mais da metade da parte superior do ciclorama. Outra luz branca brilhante cobre o restante. Essa luz se espalha difusa e com baixa intensidade por todo o chão do palco. Fim da audiodescrição.

Na **Figura 2**, começamos pelo centro da imagem e sua figura com o foco de luz para destacar o busto, a face e os gestos das mãos, que são muito

² Disponível em: <http://www.robertwilson.com/shakespeares-sonnets>. Acesso em: 18 jul. 2024.

expressivos na fotografia. Podemos observar na composição da imagem a justaposição alegórica de signos de destruição, que trazem a conotação de um acidente ambiental do tipo das imagens que se vê nas mídias dando notícias de furacões, grandes enchentes e tsunamis. Ao mesmo tempo, a cor ao fundo remete ao fogo das queimadas, que se junta ao signo do tronco da árvore morta e cindida de sua copa inexistente. A descrição de formas, volumes e cores procura dar conta desses elementos morfológicos e conotativos da fotografia de cena, além de evidenciar a presença da ausência do corpo verde de uma árvore outrora viva.

Figura 3 – Fotografia 3 de cena do espetáculo *Sonetos de Shakespeare* para audiodescrição³



Autora: Lesley Leslie-Spinks

Audiodescrição: Fotografia de cena do espetáculo musical *Sonetos de Shakespeare*, produzido pelo *Berliner Ensemble*, em 2009, com direção de Robert Wilson e músicas de Rufus Wainwright. Ao centro, a silhueta preta de uma árvore estilizada como um desenho infantil. Atrás, parcialmente oculta, uma figura humana com vestido longo de cintura alta marcada. O braço esquerdo, com manga comprida, projeta-se na lateral. Um foco de luz destaca a maçã vermelha sobre a concha da mão, com luva branca. Ao fundo, uma luz azul noturna predomina. Fim da audiodescrição.

³ Disponível em: <http://www.robertwilson.com/shakespeares-sonnets>. Acesso em: 18 jul. 2024.

A **Figura 3** foi descrita procurando enunciar, em primeiro plano, a figura que justapõe duas informações colocadas uma atrás da outra: árvore e vestido de mulher. Escolhemos “cintura alta marcada,” mas poderia ser escrito algo como “saia com ancas altas demarcadas,” se quiséssemos sublinhar mais ainda alguma característica de figurino de época. Porém, isso não é tão relevante, e priorizamos todo o enunciado que descreve a silhueta e o braço que sai por trás da árvore como um galho. O foco de luz destaca a maçã vermelha, e a alegoria da árvore do conhecimento e da tentação de Eva foi inferida com facilidade pelo audiodescritor cego, mesmo sem conhecer o espetáculo registrado em vídeo, no qual tal alegoria é evidenciada pelo conjunto visual da cena em movimento.

Figura 4 – Fotografia 4 de cena do espetáculo *Sonetos de Shakespeare* para audiodescrição⁴



Autora: Lesley Leslie-Spinks

Audiodescrição: Fotografia de cena do espetáculo musical *Sonetos de Shakespeare*, produzido pelo Berliner Ensemble, em 2009, com direção de Robert Wilson e músicas de Rufus Wainwright. Três personagens estão à frente do palco, iluminado por uma leve luz azulada ao fundo e com uma árvore preta com copa redonda ao centro. À esquerda, uma mulher com vestido longo rosado de mangas bufantes, gola elizabetana e saia ampla, está sentada.

⁴ Disponível em: <http://www.robertwilson.com/shakespeares-sonnets>. Acesso em: 18 jul. 2024.

Usa maquiagem branco-neve, tem as sobrancelhas e boca pintadas de preto, cabelos ruivos com um penteado armado. As mãos, com luvas brancas, estão cruzadas sobre o colo. O vestido cobre os pés e o assento da mulher. Ao centro, à frente da silhueta preta da árvore em estilo infantil, uma mulher de vestido longo branco de cintura alta e gola de babados está com a boca e os braços abertos, usando luvas brancas. Uma luz azul clara ilumina seu busto, rosto e braços. A maquiagem é branca, com olhos e boca delineados de preto. Uma das mãos segura uma serpente e a outra uma maçã vermelha mordida. À direita, uma figura humana com cabelos brancos até os ombros está sentada com os braços apoiados na poltrona. A maquiagem é branca, os olhos profundos e os lábios vermelhos. Usa calça e camisa marrom claro com gola larga, meias compridas pretas e sapatilhas brancas. O ciclorama está quase todo iluminado por uma luz azul noturna, na parte de baixo, luz branca brilhante. Fim da audiodescrição.

A descrição da **Figura 4** busca informar a espacialização das três figuras/personagens da fotografia e a disposição delas no palco. Descrevemos em detalhes todos os figurinos, seguindo suas morfologias mais determinantes. Maquiagem expressiva em base do “branco-neve” e preparada para receber luz “levemente azul”, que destaca as expressões faciais. A alegoria da tentação, queda e expulsão do Paraíso se apresenta em sua plenitude imagética no centro do palco e a descrição busca dar conta dessa iconologia. O plano de fundo da imagem é descrito a partir das projeções de luz e cor na tela do ciclorama. Para quem assiste ao espetáculo ao vivo, ou à íntegra do vídeo no website de Wilson, terá a percepção da identidade das personagens sentadas na fotografia, que são a Rainha Elisabeth I e o dramaturgo Shakespeare. Porém, a audiodescrição da fotografia neste artigo não antecipa essa informação, a qual necessitaria de uma outra contextualização e enfoque de abordagem para ser revelada.

Alguns desdobramentos da audiodescrição das imagens estáticas do espetáculo *Sonetos de Shakespeare*

A audiodescrição de quatro fotografias do espetáculo *Sonetos de Shakespeare* foi elaborada mediada pela observação das composições visuais construídas pela luz cênica, atuando enquanto uma linguagem organizadora,

de um certo discurso visual encontrado nas encenações de Robert Wilson, conforme foi mostrado nas reflexões teóricas de Adolphe Appia (2022), trazidas para a aula. O foco desses textos é a busca de uma objetividade analítica da imagem, para delinear as morfologias dos elementos presentes na fotografia, de forma que a compreensão de seu conteúdo emergja das próprias palavras empregadas e do respectivo ordenamento delas nas frases. Para isso, seguimos os passos defendidos por Livia Motta (2016).

Como foi demonstrado no segmento teórico deste artigo, a audiodescrição se pauta pela síntese analítica condensada em um texto elaborado a partir de chaves de leitura das morfologias evidenciadas nas imagens e do exercício interpretativo de seus conteúdos, por meio de uma triangulação dialógica entre roteiristas de audiodescrição e o audiodescritor consultor, que é uma pessoa com deficiência visual que revisa e verifica a compreensão e estruturação da criação textual. A partir dos parâmetros da audiodescrição, transitamos pelas formulações manejadas semanticamente, visando delinear os traços principais que formatam o espaço, os objetos e os corpos humanos, portando signos e expressões, que interagem com os efeitos de luzes concretizados no palco e captados pelas lentes da fotógrafa.

O processo relatado a partir das imagens coloca em relevo as escolhas semânticas, bem como a orientação do olhar da equipe, para apresentar os planos do palco, o posicionamento das figuras humanas nesses planos e a função onipresente do ciclorama, ao fundo das imagens. A fruição da pessoa com deficiência visual aprende a importância dessa tecnologia da iluminação cênica, para a construção da encenação no teatro de Robert Wilson.

Quando usamos palavras mais técnicas, como ciclorama e seu papel nos efeitos luminosos com cores, que criam profundidade no espaço do palco, bem como destaques para os desenhos em silhuetas das figuras e dos objetos à sua frente, buscamos favorecer a compreensão do papel dessa tecnologia na estruturação poética da cena visual fotografada e ampliar o repertório sobre o tema. Por complementaridade, quando exploramos os veios do registro verbal das imagens estruturadas com a luz, vimos emergir as funções estéticas da iluminação cênica, que estruturam planos, focos e atmosferas luminosas, as quais também conduzem a experiência da plateia que enxerga.

Como o/a espectador/a que enxerga, a pessoa cega ou com baixa visão elabora esse aprendizado, de tal sorte que poderá entender esse vocabulário até mesmo em novos contextos cênicos em que constem a palavra ciclorama. Nesse sentido, podemos, a partir dessas fotografias, agenciar inferências e contextualizações em torno dos conceitos importantes para estudar poéticas da iluminação cênica: planos dos espaços, contrastes entre luz e sombra ou outros, atmosferas cromáticas e tantos outros aspectos relacionados com as imagens e a estética teatral em foco, a partir do teatro visual de Wilson, tanto para pessoas com deficiência visual como para as que enxergam.

As formas de descrever os desenhos da luz em suas funções de atmosferas cromáticas foram traduzidas por adjetivos como: vermelho fogo e azul noturno. Em simultâneo, descrevemos formas delineadas pela luz, tais como: silhuetas, focos em closes sobre objetos importantes, ou destacando as expressões faciais das personagens. Dessa maneira, essas descrições de fotografias procuram dar conta de uma leitura focada na busca do vocabulário mais leigo e universal para abordar os desenhos da luz, mas sem perder de vista o esforço de traduzir os efeitos de suas ações estéticas sobre a cena e seus elementos.

A fruição dessas imagens combinadas com os meios da audiodescrição estimulam novos modos de compreensão da linguagem visual do teatro para a plateia com e sem deficiência visual. Vale ressaltar que o trabalho com as imagens estáticas é introdutório ao curso e aos temas previstos para estudos da linguagem da iluminação cênica. Posteriormente, serão observadas as imagens em movimento, dessas mesmas cenas das quatro imagens audio-descritas, para elaborarmos com a turma novos ângulos da observação do Teatro Épico e visual, relacionados aos conjuntos composicionais encenados nesse musical.

Referências bibliográficas

- ALVES, J. A audiodescrição e as tecnologias da cena: o espetáculo teatral (re)visto pela palavra. *In*: ADERALDO, M. F. *et al.* (org.). **Pesquisas teóricas e práticas aplicadas em audiodescrição**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 46-60. *E-book*.
- ALVES, J. F.; CEREJEIRA, T. L. T. **Visualidade e Audiodescrição**: a cena teatral sob o ponto de vista da deficiência visual. **Revistas Aspas**, Campinas, v. 10, n. 2, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v10i2p8-23

- APPIA, A. **A Obra de Arte Viva e outros textos**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 16452**: acessibilidade na comunicação: audiodescrição. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.
- CAMARGO, R. G. **Função estética da luz**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- FRANCO, E. P. C.; SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. *In*: MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (org.). **Audiodescrição**: Transformando Imagens em Palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. p. 23-42.
- FREIRE, P. **A leitura do mundo precede a leitura das palavras**. A importância do ato de ler, em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- FRYER, L. **An introduction to audio description**: a practical guide. London: Routledge, 2016.
- GALIZIA, L. R. **Os processos criativos de Robert Wilson**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- HOLLAND, A. Audio Description in the Theatre and the Visual Arts: Images into Words. *In*: ANDERMANN, Gunilla; DIAZ-CINTAS, J.; Anderman, G. **Audiovisual Translation**: Language Transfer on Screen. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 170-185.
- MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.
- MOTTA, L. M. V. M. **Audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para a leitura do mundo. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- NEVES, J. **Imagens que se ouvem**. Guia de audiodescrição. Lisboa: Instituto Politécnico de Leiria, 2011.
- PINHEIRO, L. A. **Bob Wilson**: por trás do olhar de um surdo e a voz-pensamento de um autista. Londrina: EDUEL, 2020.
- ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SASSAKI, R. K. Nada sobre nós, sem nós: da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, n. 58, p. 20-30, 2007.
- SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, p. 10-16, 2009.
- SCHWARTZ, L. **Através do prisma**: a audiodescrição como provocação à percepção do espectador com deficiência visual. 2019. Dissertação (Mestrado em artes cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- SIMÕES, C. F. À luz da linguagem – **A iluminação cênica**: de instrumento da Visibilidade à “scriptura do visível” & outras poéticas da luz. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SNYDER, J. **The Visual Made Verbal: A Comprehensive Training. Manual and Guide to the History and Applications of Audio Description.** Washington, DC: American Council of the Blind, 2014.

Recebido em 30/03/2024

Aprovado em 09/07/2024

Publicado em 30/08/2024

